

**FORMULAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A IMPLICAÇÃO DAS FIGURAS  
PARENTAIS NA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DOS FILHOS**

**ÉLABORATIONS THÉORIQUES SUR L'IMPLICATION DES FIGURES  
PARENTALES DANS LA CONSTRUCTION SUBJECTIVE DES ENFANTS**

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>  
Isnayara Moreno Borges Costa<sup>2</sup>  
João de Deus Leite<sup>3</sup>  
Thays Lorrany Marques Viana<sup>4</sup>

**RESUMO**

Neste artigo, estamos interessados no modo como o campo da psicanálise freudiana e laciana concebe a perspectiva de que a família imprime efeitos subjetivos no processo de construção psíquica do sujeito. Estamos interessados, também, em pensar essa perspectiva, considerando os efeitos da contemporaneidade, já que as relações simbólicas e imaginárias da configuração familiar passaram por transformações. Para tanto, buscando dimensionar algumas formulações teóricas no seio do referido campo, procedemos a um levantamento bibliográfico a respeito do viés de família como instituição social, na configuração de família nuclear, e em relação ao modo como a família, na condição de figuras parentais, responsabiliza-se pela estruturação subjetiva dos filhos. Trabalhou-se, do ponto de vista bibliográfico, com formulações freudianas e lacanianas esparsas, bem como de teóricos que a eles se filiam, perseguindo a problematização passível de ser construída a partir da psicanálise, como um saber que interroga certos discursos sobre a família. Os resultados apontam que esse campo do saber põe em circulação outros sentidos sobre família, fazendo convocar uma relação (in)tenso do laço social e da maneira como este acaba por engendrar funções simbólicas e imaginárias outras para aqueles que exercem a função (materna e paterna) de figuras parentais.

**Palavras-chave:** Família; figuras parentais; psicanálise; laço social.

---

<sup>1</sup> Professor no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - Unitpac.; Araguaína-TO, e-mail: fneto@uft.edu.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - Unitpac.; Araguaína-TO, e-mail: isnayara@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), do Centro de Ciências Integradas/Cimba (CCI), Araguaína-TO, e-mail: joaodedeus@mail.uft.edu.br.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - Unitpac.; Araguaína-TO, e-mail: thayslorranymarques@gmail.com

## RÉSUMÉ

Dans cet article, on s'intéresse à la manière dont le champ de la psychanalyse freudienne et lacanienne conçoit la perspective selon laquelle la famille imprime des effets subjectifs sur le processus de construction psychique du sujet. On s'intéresse également à réfléchir dans cette perspective, en considérant les effets de contemporanéité, puisque les relations symboliques et imaginaires de la configuration familiale ont subi des transformations. À cet effet, en cherchant à dimensionner certaines élaborations théoriques dans le domaine visé, une étude bibliographique a été réalisée concernant le biais de "famille" en tant qu'institution sociale, dans la configuration de la famille nucléaire, et la famille dans la condition de "figures parentales" est responsable de la structuration subjective des enfants. D'un point de vue bibliographique, un travail a été mené avec des élaborations freudiennes et lacaniennes discontinues, ainsi qu'avec des théoriciens qui leur sont affiliés, poursuivant la problématisation qui peut être construite à partir de la psychanalyse, comme un savoir qui interroge certains discours sur la famille. Les résultats soulignent que ce champ de connaissance met en circulation d'autres significations sur la famille, convoquant un rapport tendu et intense du lien social et la façon dont il finit par engendrer d'autres fonctions symboliques et imaginaires pour ceux qui exercent la fonction (maternelle et paternelle) de "figures parentales".

**Mots-clés:** Famille; figures parentales ; psychanalyse; lien social.

## 1 INTRODUÇÃO

A família<sup>5</sup>, seja em que configuração for, é uma das instituições modernas<sup>6</sup> que mais tem ganhado força nos últimos tempos, ao contrário do que vem ocorrendo com outras instituições tradicionais, tais como o Estado e a Religião, para citarmos alguns exemplos. Essas instituições têm, paulatinamente, perdido o prestígio social do qual tradicionalmente eram investidas. Isso porque, conforme teorizam alguns estudiosos que se debruçam sobre as configurações do laço social na contemporaneidade, as transformações da arquitetura dos modos de viver se dão sob o signo da radicalidade em relação a algumas décadas atrás, sobretudo a partir de 1950 (BIRMAN, 2014; FERRY, 2008, 2012; FORBES, 2012; LIPOVETSKY, 2004, 2005).

Isso significa dizer, no âmbito do interesse de nosso trabalho, que as instituições políticas e religiosas não guardam a potência que um dia tiveram na

---

<sup>5</sup> Neste artigo, trabalhamos com a definição de família, como uma "categoria designada por um grupo ou grupos de cuidado, dentro dos quais a criança está sendo criada." (WADDEL, 2017, p. 190).

<sup>6</sup> Estamos tomando a expressão "instituição moderna", no sentido de ser uma instituição que está presente no contemporâneo.

condição de fontes geradoras de sentido para a existência das pessoas, a ponto de, inclusive, figurarem como um ente sagrado - sagrado entendido como aquilo pelo qual podemos sacrificar a nossa vida ou, dito de outro modo, pelo qual vale a pena morrer (FERRY, 2012). Nessa direção, o filósofo francês Luc Ferry (2012, p. 16) faz a seguinte indagação:

Ora, no limiar deste século, a constatação - embora ainda devendo ser esclarecida pela reflexão filosófica - é inegável: os motivos tradicionais do sacrifício coletivo foram, pelo menos na Europa, literalmente foram eliminados, quase liquefeitos pela grande destruição dos valores das autoridades tradicionais que tanto marcou o século XX até maio de 68. Quem, nas novas gerações, gostaria de morrer por Deus, pela pátria, ou pela revolução? Ninguém, ou quase.

Para sustentar a perspectiva de que a instituição família tem ganhado força, em proveito de outras instituições, estamos trabalhando com o seguinte argumento: a despeito das transformações da sociedade e, por consequência, da configuração familiar, vamos perceber que o conceito de família conserva, em seu bojo, um ponto de aplicação importante e inalterado: é nela e por ela que as tramas e os traumas psíquicos ganham modulação. Os sintomas daquele que demanda cuidados cerne e concerne os sintomas familiares, dado que o coletivo se mostra relevante nesse processo de modulação. A instituição família, em seu funcionamento, engendra modos de se fazer laço social, que acaba por tocar as manifestações subjetivas de uma época.

Se, por um lado, essa instituição atravessa gerações conservando em si, paradoxalmente, o lugar dos traumas e dos cuidados, por outro, ela, também, perdura em termos de interesse teórico e clínico. Dado o aparato teórico de cada época, como vamos tematizar, neste artigo, essa instituição serviu de base, para a fundamentação de que os sintomas individuais e coletivos se conjugam, emprestando a seus formuladores conceituais o observatório clínico para a formalização de suas acepções de família. Eis aí, também, um outro argumento de que essa instituição se mostra potente, visto que ela se deixa perspectivar por diferentes campos disciplinares, como é o caso da antropologia, da sociologia e da psicanálise.

As reflexões de Ferry (2012) são recepcionadas e legitimadas pelo pensador brasileiro Jorge Forbes, cujas elaborações colocam em relevo a importância da família

como grupamento humano no contexto da sociedade brasileira. Nas palavras de Forbes (2023, p. 68-9):

Será que a família vai desaparecer, como pensam alguns? contrariando o bom senso, que sempre pensa mal, a tendência da globalização é de sublinhar um novo valor da família, que não é desmentido pelo grande aumento dos divórcios, se entendermos a lógica. a família será o centro da responsabilidade ética - disse ética, e não moral - da sociedade. família, grosso modo, é do que nos queixamos com mais veemência e paixão. É o grupo do qual mais se espera o reconhecimento que nunca chega e a compreensão impossível de sua dor. É na insatisfação da família que cada um lapida o que lhe falta, a saber, o seu desejo, pois não há desejo sem falta [...] se ontem as famílias estavam a serviço da República, mandando seus filhos para a guerra, por exemplo, hoje a República deverá servir às famílias.

Como podemos depreender da citação, pode ser que, do ponto de vista do senso comum, a perspectiva seja de que a instituição família está em vias de desaparecer - considerando-se aí uma perspectiva mais alinhada ao apocalipse. Entre os menos trágicos, não é raro se deparar, a partir de discursos de circulação social, com a discursividade de que a família tem sido desvalorizada. Essa discursividade acaba por tematizar certos aspectos no registro do campo da moral, que faz funcionar sentidos, supostamente, fixados sobre “O que é uma família?”, “Quais valores tradicionais a família deve conservar?”, entre outros questionamentos. Essas interrogações expressam uma tomada de posição por sentidos, em tese, unívocos sobre família, pondo em formulação e em circulação sentidos sobre um sistema de regras moral, legal e social, congelando e, ao mesmo tempo, apagando sentidos sobre essa instituição em foco. Trata-se, neste caso, do funcionamento de uma certa representação de família, ancorada em sentidos que apontam para um saudosismo de resquícios da chamada família tradicional, segundo uma configuração envolvendo o casamento legal de um homem com uma mulher, sendo que destes poderia advir filhos biológicos gerados a partir de relações sexuais do casal.

Ao formularmos um dos referidos questionamentos, trabalhamos com a perspectiva da modalização deôntica, encabeçada pelo verbo “deve”, justamente, para dimensionarmos como o sistema de regras moral, legal e social faz funcionar uma avaliação e uma escala valorativa entre o que pode e o que deve sobre o que ora é avaliado. No caso do objeto conceitual em tela, é pensar no tipo de família que pode e que deve se constituir, estando atrelada muito mais em um viés empírico das

posições que em uma vertente da lógica das funções. A psicanálise, a partir de suas formulações freudianas e lacanianas, passa a interrogar certos saberes sobre a família, destituindo-a de um lugar da univocidade de sentidos para se apostar no lugar da equivocidade.

Esse tipo de família nuclear e inscrita em sentidos de uma sociedade patriarcal tinha como figura central o homem em torno do qual gravitaria os demais membros, segundo uma lógica do dever, ou seja, cada um teria o seu papel familiar, cabendo-lhe bem desempenhar. Da citação, também, podemos extrair consequências para pensar o que significa família da perspectiva adotada neste trabalho, a saber: um grupamento de pessoas que se enlaçam sobretudo pelo afeto e não necessariamente pelo sangue. Nesse sentido, o psicanalista francês Jacques Lacan, em um texto de 1938, *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, já afirmava: “é na ordem original de realidade constituída pelas relações sociais que convém compreender a família humana” (LACAN, [1938], 2003, p. 33). Para Lacan ([1938], 2003), como família, os animais se organizam de maneira natural, ao passo que os seres humanos se organizam socialmente, ou seja, no caso do humano, o cultural se sobrepõe ao natural.

Em seu percurso existencial, a partir das décadas de 1970 e 80, a família - grupo social - foi e ainda é concebida sob diversos ângulos, e também estudada, sendo está ligada aos estudos sobre comunidade. O mesmo autor ainda postula que “[...] podemos refletir sobre a família junto à religião, à filosofia, à sociologia, à antropologia entre outros” (FERNANDES, 2014, p. 9). Tais estudos podem dialogar sobre a família e a sua influência social e implicações na formação psíquica dos sujeitos. Neste estudo, as lentes teóricas são as da Psicanálise freudiana e lacianiana.

Na literatura científica, como, por exemplo, na área das ciências sociais, há teorizações e fundamentos divergentes sobre o valor e a relevância da família para a sociedade, como comenta Reis (1984, p. 99) em relação ao fato de a família ser “[...] o local onde as neuroses são fabricadas”. Já as perspectivas favoráveis à família afirmam que ela representa a pedra angular da sociedade. Segundo o referido autor, não se pode negar a importância da família tanto como a responsável pelas constituições das relações sociais, quanto pela vida emocional dos pertencentes ao grupo (REIS, 1984). Em concordância com esta perspectiva, o já referido filósofo Luc Ferry (2008) pontua que, diferente do que apregoam hoje em dia, no decorrer dos

tempos, a família tem sido o elo mais resistente, na condição de laço social, representando a mais influente forma de grupo da sociedade. Por seu turno, Gilles Lipovetsky (2005), também filósofo francês, argumenta que embora a família no seu formato tradicional tenha se esvaziado de força institucional, ainda é um dos únicos grupamentos humanos no interior dos quais as pessoas ainda se dizem felizes e se sentem bem.

Desse modo, podemos caracterizar de acordo com Ramos (2008) que a família é a primeira instituição o qual o indivíduo é inserido, como instituição social, é constituída e permeada por vínculos afetivos que são responsáveis pela formação biopsicossocial-espiritual das pessoas, devendo possibilitar a cada membro que este se constitua como sujeito potente e autônomo, baseando-se nos princípios básicos familiares. Nesse sentido, a importância das famílias para a sociedade é medida pelo seu valor de lugar primordial para a garantia da sobrevivência e amparo de seus membros, independentemente do arranjo familiar em seus modos de estruturação cultural.

São nestes arranjos familiares, nos quais estamos elucidando, que se inscrevem os modelos de grupo familiar, que a cada novo século possibilitam diversificações que ampliam as formas e os sentidos de família com base em sua conjuntura. Exemplo disso, para além da família nuclear - pai, mãe e filhos - é que há também a família de mães solas, de pais solos, de avós que cuidam de netos, entre outras transformações existentes. Este meio de interação primária que a família representa é responsável pela disposição dos recursos para o sustento de cada pessoa-membro, no quesito biológico, emocional, educacional, relacional, entre outras características da nossa existência. E a maneira como a família é constituída produzirá implicações para seus membros, engendrando certa realidade cultural, nesse sentido, conforme esboça Sarti (2004, p. 14) “não há realidade humana exterior à cultura, uma vez que os seres humanos se constituem em cultura” logo, todos os aspectos são de suma importância para a construção das histórias individuais dos membros que compõem os arranjos.

Portanto, é válido ressaltar que tematizar a relação familiar entre pais e filhos permeia questões amplamente subjetivas, mas os estudiosos da constituição humana, tais como Sigmund Freud, Jacques Lacan, entre outros, postularam teorias que explicam como os membros de uma família, interagindo entre si, formam-se e evoluem

psicologicamente, justificando parâmetros teóricos que abordam os efeitos que os comportamentos parentais têm sobre o psiquismo dos indivíduos. Para tanto, considera-se relevante utilizar a psicanálise como a base conceitual deste trabalho, pois a leitura do funcionamento psíquico dos sujeitos proposto pela psicanálise é essencial para compreendermos como se teorizam sobre os processos psicológicos das pessoas desde a infância, considerando ser quase impossível desvincular a influência familiar sobre a construção psíquico dos indivíduos. Por isso, objetivamos dialogar sobre as implicações provenientes das vivências no grupo familiar sobre a importância das figuras parentais para a estruturação subjetiva dos filhos, e sobre como a psicanálise visualiza os possíveis desfechos dessa construção.

Mediante o exposto, partimos da seguinte questão norteadora: em termos de discurso teórico, particularizando, neste caso, as teorizações da Psicanálise freudiana e lacaniana, quais seriam as implicações das figuras parentais para a estruturação subjetiva dos filhos, seja qual for a sua configuração? Essa questão abre possibilidades para problematizarmos a perspectiva de que a estruturação e o funcionamento psíquico dos indivíduos são formadas no e pelo seio familiar, sobretudo, a ideia de que haveria implicada aí uma cultura transgeracional. Nessa medida, trabalhamos com o seguinte objetivo, neste artigo: analisar, teoricamente, o modo como as formulações teóricas da psicanálise freudiana e lacaniana dimensionam seus fundamentos para conceber e fundamentar a ideia de que a relação entre pais e filhos é marcada e constituída por aspectos psíquicos. Olhar para a parentalidade a partir do viés psicanalítico pode representar certa notoriedade da compreensão por meio da escuta ativa de como ocorre o processo de angústia na relação parental.

Estruturamos este artigo em três seções; na primeira seção, abordamos a definição de figuras parentais, utilizando em conjunto o termo parentalidade; na segunda seção, voltamo-nos para a discussão de como tais figuras parentais implicam na estruturação psíquica dos filhos; e na terceira e última, discutimos o impacto das figuras parentais na subjetividade dos filhos no século XXI.

## 2 TEORIZAÇÕES SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

A nossa inquietação, neste artigo, refere-se ao modo como podemos ler os efeitos subjetivos que a instituição família produz para a constituição psíquica dos ali concernidos, buscando inspiração no arcabouço conceitual da psicanálise freudiana e lacaniana. Há vários discursos sobre essa instituição, inclusive, os discursos de circulação social, que evidenciam a configuração empírica da família e que atribuem a essa configuração os supostos problemas dos sujeitos.

De nossa parte, construir uma argumentação outra, a ponto de analisar e de problematizar esses discursos, por exemplo, exigiu de nós um olhar atento às formulações teóricas freudianas e lacanianas, já que, no âmbito destas, essa instituição também é foco de conceituação. Em nosso percurso acadêmico, passamos a construir um revezamento discursivo importante, até como forma de assegurar a nossa formação pessoal e clínica, já que os sintomas (individuais e coletivos) perpassam a essa instituição.

Esse investimento teórico no conceito de família e de suas implicações para o psiquismo humana acabou por demandar um método de pesquisa histórico em que fosse possível (re)visitar as formulações de freudianas e lacanianas, bem como de seus intérpretes, com o intuito de nos inscrevermos em um discurso teórico sobre família; de um discurso de circulação social, ou mesmo de discursividades de outros campos teóricos, para um discurso psicanalítico sobre a instituição em foco neste artigo. Sobre esses outros campos, gostaríamos de pontuar, resguardando as devidas especificidades e os alcances teóricos necessários, o modo como o campo pedagógico investe nesse conceito. O tom recai sobre a dimensão social da educação, tendo a família ali como um mecanismo importante. Portanto, a família é aquela pautada em alguns valores sociais em que a relação de indivíduo para indivíduo passa a assumir a tônica. Ressaltamos a pertinência dessa linha de pensamento, mas o campo da psicanálise convoca outras questões, como é a perspectiva da ética do sujeito. Essa perspectiva não nos permite conceber a família na lógica de um indivíduo para um indivíduo; ao contrário, a questão fundamental é o coletivo.

Estarmos filiados à perspectiva do método histórico que nos colocou no lugar metodológico de perseguirmos o desenvolvimento teórico do conceito de família nas

formulações que nos interessam neste artigo. Resguardando as devidas condições de produção de cada formulação, em cada sistema teórico de pensamento, fomos abordando como o saber clínico freudiano e laciano assegurou uma circunscrição temática sobre família. Salientamos que trabalhamos que formulações esparsas, de modo a captarmos a ideia global de cada sistema teórico, já que nos foi importante (re)visitar os construtos chaves de cada sistema de pensamento até chegarmos em alguns intérpretes atuais desses sistemas.

A abordagem bibliográfica esparsa nos permitiu trabalhar com os seguintes circuitos de pensamento:

Tabela 1 - Formulações esparsas e Circuitos de pensamentos

<b>Formulações Esparsas</b>	<b>Circuitos de pensamentos</b>	<b>Implicações</b>
Formulações freudianas	O complexo de Édipo e suas relações com família.	Família e sua ordem simbólica, ressignificando uma leitura sociológica e antropológica dessa instituição.
Formulações lacanianas	Os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, articulados ao funcionamento da linguagem, e suas relações com família.	Família sendo significada a partir de funções que se exercem na e pela linguagem.
Formulações dos intérpretes	A linguagem e sua interrogação pelo Real e suas relações com família.	A contemporaneidade e a sua lógica de funcionamento (im)põem outros modos de configuração do laço social, a ponto de significar as funções parentais de diferentes modos.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

De posse de nossas leituras teóricas, inclusive nos valendo do método de referência cruzada, fomos construindo esses circuitos de pensamento neste artigo, como forma de sintetizar o nosso entendimento acerca da temática em tela. Cumpre ressaltar que não trabalhamos com a perspectiva de construção de uma linha do tempo com as formulações do conceito de família no âmbito de cada circuito de pensamento, mas, sim, perseguimos a ideia global de cada circuito. Daí o fato de sustentarmos as nossas considerações na condição de formulações teóricas esparsas sobre a temática família.

### **3 FIGURAS PARENTAIS: DEFINIÇÃO/CONCEITO E FUNÇÃO**

O termo “parentalidade” envolve uma gama de sentidos que está para além da compreensão do que é biológico e teve seu emprego em meados dos anos 1950

voltado para um viés intrinsecamente ligado à relação desenvolvimentista. A incursão de Garrafa; Iaconelli e Teperman (2020, p. 11), conforme apresentamos a seguir, autoriza-nos a apostar nessa perspectiva que problematiza o viés desenvolvimentista de parentalidade. Contudo, em termos de estado do conhecimento, as referidas autoras ponderam as tomadas de posição teórica por uma abordagem que aposta na ideia biologizante. Eis as próprias palavras das autoras:

[...] Em dezembro de 1958, na reunião da Associação Psicanalítica Americana em Nova York, a psicanalista húngara Therese Benedek profere a palestra intitulada 'Parentalidade como uma fase de desenvolvimento: uma contribuição para a teoria da libido', na qual pensa o termo 'parentalidade' a partir de uma perspectiva desenvolvimentista.

Diante do exposto, é possível mencionar que o termo foi passível de alterações e de diversas interpretações em virtude dos mais de 60 anos de uso, no entanto nunca deixou de ser pertinente nas discussões acerca do tema. O lugar onde as figuras parentais se instauram e consolidam seus comportamentos é o seio familiar, estes comportamentos, como Pratta e Santos (2007, p. 2) explicam, depende do fato de que:

[...] a estruturação da família está intimamente vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas.

O comportamento parental, portanto, corresponde à perspectiva de mundo em que as figuras parentais conseguem visualizar e que, tal como eles julgam, seja o discernimento ideal para ser repassado para os filhos concebidos na família em questão. Nesse sentido, Lemos e Neves (2019, p. 55) enfatizam que "É fundamental entender como o sujeito se constitui na trama de seus vínculos e de suas heranças, buscando analisar seus processos de ligação e separação em relação ao outro e ao grupo". Assim sendo, essa trama se faz importante na condição de contribuinte às construções subjetivas.

As figuras parentais podem ser definidas como: as pessoas que têm a responsabilidade de realizar a ação de cuidado, elas estão, geralmente, presentes em

um grupo familiar; essa ação de cuidado é fornecida pelos adultos a uma criança. Essa definição foi articulada ao conceito de parentalidade descrito por Lamour e Barraco (1998 *apud* Dias; Levisky; Levisky, 2021, p. 147) de que a parentalidade “[...] do ponto de vista da psicanálise, é resultante de um processo maturativo, de uma reestruturação psíquica e afetiva que possibilita aos adultos assumirem o lugar de país, atendendo às necessidades de seus filhos nos níveis corporal, afetivo e psíquico”. Já, na definição de Garrafa, Iaconelli e Teperman (2020, p. 23), a parentalidade na perspectiva de Freud e de Lacan “[...] é fruto de operações fundadas a cada nascimento de um filho, numa relação social específica, processo que atravessa a dicotomia entre a dimensão pública (política) e a privada (família)”. Ambas as explicações não possuem perspectivas distantes, isso porque elas dialogam pelo fato de o ato parental está intimamente ligado ao fornecimento de um cuidado que é dado a um ser que necessita de tal cuidado.

Os conceitos citados anteriormente sobre parentalidade trazem não somente uma definição/conceituação, mas, também, explicam a função das figuras parentais e a sua importância para o desenvolvimento dos filhos, falando dos subsídios necessários para manter a sua sobrevivência; dialogando com Pratta e Santos (2007), que propõe, na divisão de três núcleos, os cuidados indispensáveis para uma pessoa em desenvolvimento: (1) trata-se do aspecto básico que garante a sobrevivência emocional da pessoa, que é a doação de afeto ao recém-nascido; (2) dispor de apoio para conter a ansiedade de sobrevivência do bebê, que é pertencente ao processo natural do desenvolvimento humano, auxiliando a criança a superar o ciclo natural da vida, o processo de crescimento, que resulta na experimentação de uma "grande crise"; e, por último, (3) o núcleo, que se trata da criação de um ambiente apropriado para a aprendizagem, que possa fornecer-lhe suporte no processo de desenvolvimento cognitivo do bebê.

Os cuidados parentais representam, de fato, o ponto nodal da formação dos sujeitos, visto que o estudo da manjedoura psíquica dos membros de uma família norteia como esses indivíduos poderão viver entre si e na relação consigo mesmo. Relacionado a isso, Reis (1984, p. 99) menciona que “[...] no que se refere à abordagem psicológica, é devido a instituição família ser “um espaço privilegiado para arregimentação e fruição da vida emocional dos seus componentes”.

Nas palavras de Reis (1984, p. 99), a família “[...] teria por função desenvolver a socialização básica numa sociedade que tem sua essência no conjunto de valores e de papéis”. Lacan, na conferência que marca sua entrada na cena do movimento psicanalítico internacional, em 1936, destaca como a identificação da criança com seus semelhantes, com as figuras parentais, faz dessa criança um ser humano. Isso quer dizer que, diferentemente de um animal, cuja animalidade já vem inscrita em seus genes, ou seja, é instintiva, a criança, ao nascer, ainda não sabe ser um humano, mas é na relação com os outros, inicialmente com aqueles que lhe cuidam, que irá aprender a existir. Segundo as palavras de Lacan, na versão de 1949:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamamos ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, [1949], 1998, p. 100).

Uma tartaruga, ao nascer, não conta com a sua mãe, já que esta já não está mais lá. Da areia da praia, o bebê tartaruga corre para as águas do rio ou do mar. Se nenhum predador não se colocar no caminho, há uma boa chance de sucesso. Com o bebê humano, acontece o contrário: se ele não receber cuidados de um outro humano até, mais ou menos, por volta dos cinco primeiros anos de vida, há uma grande chance de morrer. Como afirma Lacan (2003), no texto dos *complexos familiares*, o homem é um animal de nascimento prematuro, que, além do mais, não traz inscritos nos genes, ao contrário do que muitos possam imaginar, um guia de como viver. O mapa da existência, por assim dizer, começa a se desenhar é na relação da criança com os seus cuidadores, isso desde antes de seu próprio nascimento. Lacan, em texto de 1953, sinaliza nessa direção, com as seguintes palavras: “os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão gerá-lo ‘em carne e osso’ (LACAN, [1953] 1998, p. 280), ou seja, o discurso que irá introduzir a criança no mundo da humanidade precede a existência em carne e osso.

Um exemplo disso é elaborado pelo Forbes (2023) sobre o nome próprio. O nome da criança não é escolhido por ela, mas sim por seus responsáveis. No entanto, a esse nome ela irá se identificar e, então, assumi-lo por toda a vida. Quando se pergunta a alguém quem ele é, muito provavelmente uma das primeiras insígnias apresentadas será o nome próprio que, no entanto, não corresponde a uma escolha própria, o que significa dizer que a base da identidade de uma pessoa é lançada não por ela própria, mas por outros, que, para o bem ou para mal, farão sempre parte de sua história. Dito de outro modo, ninguém se funda sozinho, mas os alicerces primordiais da história de uma pessoa são lançados por aqueles que exercem para a pessoa as funções parentais em um ambiente familiar – seja lá qual for a configuração, como já sublinhado.

A importância das figuras parentais não se restringe somente aos primeiros meses ou anos de vida, considerando a sobrevivência física. Para explicar como as interações parentais impactam a vida psíquica e o desenvolvimento do caráter e da personalidade de seus membros, faremos uso do conceito psicanalítico freudiano do complexo de Édipo. Esse complexo tem a função de orientar como a experiência infantil, durante o complexo de Édipo, poderá influir no desenvolvimento psicológico de um sujeito, quanto a importância do papel que cada membro desempenha na família durante a fase em que um membro experimenta o complexo de Édipo (por volta dos quatro anos de idade). Como resultado, podemos destacar que essa vivência trará maturação emocional para o sujeito em processo de constituição.

O fenômeno complexo de Édipo pertence à teoria do desenvolvimento infantil criada por Freud em *Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1901-1905). Embora não seja possível definir a teoria do complexo de Édipo de modo breve e simples, propomos a explicação de Teixeira (2017, p. 9) de que o complexo de Édipo:

[...] aborda a relação que se vem a ser construída dentro das famílias; num primeiro momento, entre a mãe e o filho e, posteriormente, entre o pai e o filho e quais as consequências dessas relações na organização psíquica de cada sujeito. 'O complexo de Édipo é um processo de grande importância no desenvolvimento do psiquismo dos indivíduos, responsável por exercer a função estruturante do aparelho psíquico'.

O complexo de Édipo é basicamente um acontecimento no desenvolvimento infantil. Freud (1901-1905) utilizou esse conceito para falar do processo que se dará

pelo exercício da função das figuras materna e paterna com o sujeito-criança e que essas interações irão se inscrever neste sujeito de alguma maneira.

A vivência edipiana influenciará em como o sujeito será na vida adulta e como irá se posicionar como adulto, dentro de uma estrutura de personalidade (na psicanálise há três estruturas de personalidade: neurótica, psicótica e perversa). A influência das funções materna e paterna, nesse complexo de Édipo, dar-se-á a partir da maneira em como essa criança é desejada, amada, cuidada e alimentada por quem a ela exerce os cuidados. Em um segundo momento, a função paterna se insere na imposição da lei, na instauração dos limites que a criança precisa saber que existem, estipulando a ela o seu devido lugar no mundo. Mostrando-a que ela não é o centro do mundo mesmo que receba toda a atenção de seus cuidadores; mostrando-a que ela não é tudo o que estes necessitam e que, conseqüentemente, os seus cuidadores, também, não são aquilo de que ela necessita. A partir deste desfecho, ela poderá entender a sua posição de sujeito no mundo, de que ela é pessoa faltante, ou seja, que de fato ela não é *O objeto ideal* para os cuidadores, assim como os estes não são *O objeto ideal* para ela. E que, conseqüentemente, ninguém nunca será esse *Ideal*.

Por essa compreensão, nota-se que a experiência edípica é ampla para dialogar e refletir sobre como a organização das funções parentais em um grupo familiar pode impactar psicologicamente um indivíduo em crescimento. É interessante como Freud (1901-1905) visualizou este conceito para explicar os impactos psicológicos causados durante o desempenho das funções na dinâmica familiar e como tal interação parental diz respeito aos modos de ser dos sujeitos, baseado no manejo adotado pelos cuidadores para com a criança durante o seu desenvolvimento, assim como o posicionamento deles nesta relação. Desse modo, o diálogo sobre a interação parental trazida pela psicanálise, veiculado pelo contexto edípico e articulado ao papel da família na construção psíquica do sujeito, demonstra o quanto a dinâmica familiar refletirá no comportamento do indivíduo como sujeito: social, relacional, profissional, entre outros modos de ser-sujeito.

Diante do que foi discutido, acrescenta-se, neste ponto, o que o escritor José Nunes Fernandes tematiza, em seu livro *O Conceito de família em Freud*. Ele, porém, certifica que o complexo de Édipo existe em toda família e que embora a família não seja composta por filhos, não é possível ignorar a vivência edipiana de cada cônjuge (FERNANDES, 2014, p.11). Para o autor, o processo edipiano certamente foi

vivenciado pelo casal, assegurando que o Édipo é quem consolida o papel que a família há de ter na formação psíquica dos sujeitos. E que as construções pré-concebidas (bagagem do casal), é que irão abrir caminhos para uma nova construção: a família em ascensão. Ela, portanto, será guiada a partir do que se viveu no Complexo de Édipo de cada cônjuge, em outras palavras, o que ambos experienciaram particularmente em suas relações parentais.

#### **4 O IMPACTO DAS FIGURAS PARENTAIS NA SUBJETIVIDADE DOS FILHOS NO SÉCULO XXI**

As formulações freudianas sobre o complexo de Édipo tinham o contexto de uma sociedade que, como já sublinhado, tem sofrido transformações significativas, especialmente a partir da década de 1950. Como afirma Forbes (2012, p. X), nos dias de hoje nada mais é como antes, ou seja, não se “nasce, se educa, se ama, se casa, se constitui família, se trabalha e se morre como antes”. Isso não significa, absolutamente, que o complexo de Édipo não tenha mais a sua importância, mas que, assim como as configurações familiares têm se diversificado e se transformado, o modo como as figuras parentais impactam na subjetividade e nos destinos dos filhos também tem mudado.

Lacan, no desenvolvimento de seu ensino, como por exemplo no seu seminário de 1957/58, *As formações do inconsciente*, deu um passo a mais, ao introduzir o conceito de função - paterna e materna, ou seja, para a estruturação psíquica da criança o importante é que alguém exerça as funções de pai e de mãe, funções que podem ser assumidas por exemplo, por duas mães ou dois pais e, inclusive, por pessoas sem qualquer laço sanguíneo. Percebe-se, então, que para a Psicanálise, desde há muito tempo, família não se restringe à forma tradicional, bastante cultuada atualmente na sociedade brasileira por segmentos da sociedade que primam pelo que consideram família tradicional.

Por esse entendimento, o cenário das figuras parentais do presente século, concebem os filhos agora na função de receptores de cuidados mais elaborados, na compreensão de que há impactos significativos oriundos da forma em que a parentalidade é efetuada. Seguindo esse raciocínio, Zornig (2010, p. 464), em suas palavras, adverte que:

[...] é preciso reconhecer a influência da realidade psíquica de cada um dos pais, as transformações ocorridas nas formas de parentalidade, bem como a importância das interações e trocas entre pais e filhos para definir o processo de transição à parentalidade e favorecer o funcionamento das famílias na atualidade.

Em complemento ao predito pela autora, Jaramillo (2022) postula a indispensabilidade da compreensão do papel das identificações como mecanismo fundamental na constituição da psique humana, mais precisamente na formação da identidade psíquica do indivíduo, em sua singularidade. Ora, se o panorama parental influi intimamente na subjetividade dos filhos que estão sob os seus cuidados, deve-se considerar que, alguns cuidados devem ser adotados no que diz respeito aos conteúdos intrínsecos desses adultos fundamentais; isto é, na concepção de que se trata, no presente, de indivíduos diferentes em sua formação e funcionamento. Embora os filhos sejam passíveis da influência advinda dos comportamentos de seus cuidadores, estes, no entanto, não se converterão a cópias das figuras parentais, pelo contrário, serão indivíduos diferentes em sua construção singular, mesmo que sendo moldados pelos comportamentos da experiência da parentalidade.

Em seus estudos sobre a noção de sujeito em Freud e em Lacan, Cabas (2009, p. 17) expõe a seguinte afirmação: “Para a psicanálise o sujeito é uma coisa. A coisa em questão. E ao pé da letra. Simplesmente porque o sujeito é uma questão.” O conceito de sujeito, dependendo da perspectiva, seja psicanalítica, seja filosófica, conforme o referido autor esclarece, não pode se reduzir a um sentido específico e único, pois, cada ótica conceberá este sujeito de seu modo singular. Mas, podemos dizer que há algo em comum nessas perspectivas sobre o que implica ser sujeito, a intrínseca relação subjetiva que o atravessa. Esse fato, certamente, não pode ser destituído do processo de tornar-se sujeito. E a montagem dessa subjetividade parte do que Lemos e Neves (2019, p. 63) postulam sobre as vivências primárias das figuras parentais, na condição de que “[...] as identificações feitas na infância influenciam e determinam a forma como cada um de nós poderá exercer a parentalidade.” Mais adiante, as autoras pontuam que “O desejo de ter um filho reatualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam ter.” (LEMOS; NEVES, 20219, p. 63). A ligação entre a vivência parental dos cuidadores e a que é dada – aos filhos é evidente, visto que a parentalidade experienciada pelo grupo é, de fato, impactada pelas histórias pregressas dos cuidadores.

Em contribuição à discussão anterior, propomos neste ponto, a seguinte explanação que remete ao processo de construção da parentalidade:

[...] o processo de filiação se inicia antes do nascimento do bebê, a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos pais, de seus conflitos inconscientes, da relação com seus próprios pais que colorem sua própria representação sobre a parentalidade (ZORNIG, 2010, p. 456).

A função das figuras parentais frente à construção subjetiva dos filhos remete a uma realidade conjunta, mas não em sua totalidade, na qual a experiência parental dos pais se inscreve na parentalidade fornecida aos filhos. Segundo a autora referenciada, há “uma mutualidade nas trocas entre pais e bebê que possibilita ao infante iniciar o processo de subjetivação e permite aos pais se apropriarem de seu lugar de pais.” (ZORNIG, 2010, p. 463). Ao analisarmos esse cenário, podemos compreender como a relação simbiótica existente entre as figuras parentais e os filhos, pode impactar a construção subjetiva desses filhos, que, por sua vez, estão estabelecidos no enlace parental.

François Ansermet, psiquiatra e psicanalista suíço, no seu livro *A fabricação das crianças: uma vertigem tecnológica*, de 2015, utiliza uma metáfora muito bonita para falar da importância do impacto das figuras parentais no destino de um filho hoje: o desejo dos pais, segundo ele, é o que abre caminho para o filho neste mundo. De fato, como pondera Forbes (2023), quase tudo, em relação ao filho, já está inscrito no desejo dos pais, é bom que assim seja, “pois é exatamente esse desejo que veste o ser humano em sua precária condição biológica de sobrevivência: um bebê deixado à sua própria sorte morre em algumas horas” (FORBES, 2023, p. 61). Os pais se colocam como um abrigo não apenas para o bebê, mas também podem ser um farol para os filhos pela existência afora, não mais como um ideal, como um dia já foi, mas como inspiração: os filhos encontram nos pais a força e a coragem suficientes para inventar um jeito singular de viver a vida em um mundo de muitos, múltiplos e flexíveis padrões - o mundo globalizado.

Embora os grupos familiares deste século se apresentem em diversas configurações, as figuras parentais ainda desempenham o papel fundamental na estruturação da subjetividade de seus filhos, pois, o laço parental, mesmo se estabelecendo em várias modelagens e múltiplos sentidos – assume, ainda hoje, o

papel principal na função de orientador dos indivíduos em desenvolvimento biopsicossocial-espiritual.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste artigo, a partir de uma experiência colaborativa de construções teóricas, debruçamo-nos sobre a complexidade do que é abordar a temática da constituição psíquica do sujeito, tendo por base o lugar imaginário e simbólico que a família ocupa aí; dito de outro modo, tendo por fundamento o viés de que outros referenciais podem assumir a “função de”, já que não se trata de pensar nas posições empíricas em si. Do conjunto de campos teóricos que investem nessa temática, o nosso caminho de abordagem foi orientado pelos fundamentos teóricos e analíticos da Psicanálise freudiana e lacaniana, até como modo de nos haver com os saberes que nos concernem.

Pudemos compreender que essa temática e suas questões correlatas mostraram-se relevantes no percurso de formulação teórica de Freud e de Lacan, abrindo possibilidades para que estes lançassem o saber da psicanálise aos horizontes da cultura na qual o sujeito se encontra inscrito. Inscritos na herança freudiana e lacaniana, outros teóricos se colocaram no lugar de reinterrogar a referida temática, perseguindo as novas dimensões do aspecto humano na cultura. Neste ponto, como leitores dessas formulações esparsas, cabe-nos ressaltar os deslocamentos discursivos necessários em nós, para que pudéssemos compreender como a entrada em uma cultura põe em evidência uma renúncia pulsional, assegurando a nossa (im)possibilidade de fazermos laço social. A família, conforme abordamos, faz funcionar algum tipo de enquadre e de enlace na cultura.

Se, por um lado, a ordem social se mostra relevante, por outro, a ordem singular também o é, na justa medida de que a instância da linguagem e do discurso funda o sujeito. E essa fundação conta, não, com a empiria dos lugares, mas com a dimensão imaginária e simbólica das relações humanas. Neste ponto, cabe ressaltar que a psicanálise freudiana e lacaniana inaugura outros sentidos sobre a relação do sujeito com o outro nas relações institucionais, pois faz interrogar: (1) a perspectiva de que o sujeito seria fruto de sua história individual, em que o acontecimento em si seria o foco, cabendo, portanto, uma descrição; (2) a vertente de que o sujeito se funda por uma

questão meramente estrutural, como é o caso, por exemplo, da estrutura biológica, a estrutura cognitiva, entre outras, para citarmos algumas linhas de pensamento.

Acentuar o funcionamento da linguagem e do discurso, como ponto de aplicação para compreendermos a instância de constituição do sujeito, abre para outras possibilidades de leitura, como aquelas dimensionadas no âmbito deste artigo. Neste ponto, gostaríamos de olhar em retrospecto a pergunta norteadora e o objetivo em si deste texto, com o intuito de ressaltar que uma das implicações que abordamos refere-se à perspectiva de que, se o inconsciente é repetição, os seus significantes, em cadeia, acabam por retornar nas relações. As formulações teóricas mobilizadas, cada uma a seu modo, apontam para essa transmissibilidade, só que sempre marcada pelo enigma.

Neste artigo, não nos colocamos no lugar de dar conta, exaustivamente, das formulações teóricas dos autores mobilizados, perseguindo uma sistematização em si da temática; o nosso interesse, antes de tudo, foi sustentar o nosso lugar de leitores da psicanálise, sobretudo, o lugar de leitura e de escrita em que o desejo intervém. Um lugar, marcadamente, pela ética do que é o (des)encontro com o outro, capturado pelo exercício da escrita, o que não deixa de produzir limites e restos. Sigamos apostando no encontro faltoso, como condição, para que algum tipo de enunciação escrita ou falada se dê. Uma vista d'olhos, no *Google Acadêmico*, importante indexador de trabalhos universitários, por meio da seguinte busca "família + psicanálise freudiana e lacaniana", atesta 20.200 ocorrências. Se concebermos esse número como um indicador quantitativo e menos na condição de indicador qualitativo, vamos perceber o quão a temática em questão se mostra profícua. Ocorre que há aí a expressão de uma agenda de trabalho para muitos pesquisadores sob diferentes facetas metodológicas, o quê nos permite trabalhar com a inferência de que se trata de uma questão que se (im)põe ao saber teórico e clínico.

Gostaríamos de terminar este artigo, valendo-nos de uma premissa lacaniana relevante, a saber: "deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época" (LACAN, 1998, p. 321). Compreender o arcabouço conceitual sobre a instituição família e suas questões correlatas pode possibilitar ao analista concernir, teórico e clinicamente, os sintomas individuais e coletivos que chegam até à clínica como algo que significa. Esse voo transversal na e pelas formulações lacanianas e freudianas esparsas, bem como

naquelas de seus intérpretes, abre horizontes para o fato de (re)pensarmos a família não como modelo unívoco, mas como operadora de funcionamento que dá o testemunho do equívoco. Ela se abre a uma repetição com diferença, em que significantes, em cadeia, inauguram uma falta-presença na lógica do coletivo e menos como um mero agrupamento de pessoas.

## REFERÊNCIAS

ANSERMET, F. **La Fabrication des enfants: Un vertige technologique**. Paris: Odile Jacob, 2015.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CABAS, Antonio, Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2009).

FERNANDES, J. N. **O conceito de família em Freud**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

FERRY, L. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FERRY, L. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI**. Barueri: Manole, 2012.

FORBES, J. **Famílias em Terra Dois**. Santana de Parnaíba, SP: Manole, 2023.

FREUD, Sigmund. (1901-1905) Um caso de histeria. In: **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 7. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

JARAMILLO, C. A. L. Transgeracionalidade, família e origem: um ensaio preliminar sobre as patologias da herança. In: **CÉS Psicol.**, v. 15, n. 1, p. 201-216, Apr. 2022. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2011-30802022000100201&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2011-30802022000100201&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 18 out. 2022.

LEMOS, S. C. A.; NEVES, A. S. Os processos de constituição psíquica do sujeito na perspectiva da psicanálise de família e casal. In: **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 55-75, abr. 2019. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652019000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652019000100004). Acesso em: 18 out. 2022.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1949] 1998. p. 96-103.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1953] 1998. p. 29-90

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1938] 2003. p. 29-90.

LEVISKY, R. B.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Editora Blucher, 2021. *E-book*.

LIPOVETSKY, G. Pós-modernidade e hipermodernidade. *In*: FORBES, J.; REALE JÚNIOR, M.; FERRAZ JÚNIOR, T. S. (org.). **A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade**. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 65-78.

LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PRATTA, Elisângela Maria Machado. SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo** [online]. 2007, v. 12, n. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

LANE SILVA, W. C (Org). **Família emoção e ideologia**: Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. Disponível em: [https://www.academia.edu/16367699/LIVRO\\_Psicologia\\_social\\_o\\_homem\\_em\\_movimento\\_LANE\\_Silvia\\_CODO\\_Wanderley\\_Orgs](https://www.academia.edu/16367699/LIVRO_Psicologia_social_o_homem_em_movimento_LANE_Silvia_CODO_Wanderley_Orgs). Acesso em: 06 nov. 2022.

TEIXEIRA, L. **ESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS**. Monografia (Bacharel em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Curso Instituto de Humanidades e Saúde (IHS). DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. Campus Universitário da UFF em Rio das Ostras. Rio das Ostras. p. 46 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12389>. Acesso em: 05 nov. 2022.

TEPERMAN, D.; GARrafa, T. ; IACONELLI, V. **Parentalidade**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2020. *E-book*.

WADDELL, M. **Vida interior**: Psicanálise e Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo: Blucher, 2017. *E-book*.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. In: **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

RAMOS, D. M. N.; NASCIMENTO, V. G. A família como instituição moderna. In: **Fractal** - Revista de Psicologia [online]. 2008, v. 20, n. 2 [Acessado 7 Abril 2023], p. 461-472. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>. Acesso em: 7 abr. 2023.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. In: **Psicologia USP** [online]. 2004, v. 15, n. 3 [Acessado 6 Abril 2023], p. 11-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/N8jxmySj8PqRZp6ZnJz7Cwd/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2023.